

Sobre pedagogias humanitárias: pensando o português brasileiro como uma tecnologia de acolhida

On Humanitarian Pedagogies: Thinking of Brazilian Portuguese as a Welcoming Technology

*Sebastião Lisboa de Andrade Rinaldi**

1 INTRODUÇÃO

Em 2017, eu me juntava ao Instituto Adus ¹ como voluntário no ensino da língua portuguesa do Brasil. À época, minha percepção, enquanto jornalista e ainda não ingresso no mestrado, era mais humanitária. Por um período de 12 meses, permaneci como assistente de duas professoras, até quando recebi a primeira turma como professor de Português como Língua de Acolhimento (PLAC), termo que me chamou a atenção.

Posteriormente, já no mestrado, debruicei-me sobre esse conceito, cunhado por ANÇÃ (2006) ao teorizar sobre a peculiaridade de PLAC na comparação com o Português como Língua Estrangeira (PLE). Enquanto o primeiro se dá em situações de vulnerabilidade social (eixo externo), a exemplo de refugiados que precisam migrar para novos destinos, vendo-se obrigados a aprender uma língua como parte de sua acolhida, o segundo caso refere-se à aprendizagem voluntária, muitas vezes motivada por uma questão individual, como uma afinidade (eixo interno).

Ainda segundo a autora portuguesa, vinculada à Universidade de Aveiro, em 1986, Portugal passava a fazer parte da União Europeia (à época, CEE), o que aproximava a nação ibérica desse bloco, tornando-se, ainda mais, um destino para migrantes do continente antigo em busca de nova residência. Essa expansão de horizontes havia sido iniciada, anteriormente, com a descolonização política de territórios africanos e o consequente fluxo diaspórico rumo à ex-metrópole lusitana.

*Professor e coordenador pedagógico no Educafro Brasil e mestre pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. E-mail: sebastiaorinaldi@gmail.com

Paralelamente, no fim dos anos 1980, com a queda do Muro de Berlim e a dissolução do regime soviético, muitos cidadãos do Leste Europeu partiram rumo ao Norte e ao Oeste. Portugal passou a acolher nacionalidades de origens distintas e, como o domínio de um novo idioma é um dos anseios comuns aos migrantes, ao lado da empregabilidade e do acesso à moradia, passou-se a falar, ainda nos anos 1990, sobre o conceito de língua de acolhimento.

Ançã (2006) defende que “o domínio da língua é seguramente a via mais poderosa para a integração social, para a igualdade de oportunidades e para o exercício da plena cidadania”. Com o ingresso na União Europeia, Portugal recebe mais grupos da região oriental da Europa, na comparação com as nações africanas. Independentemente da nacionalidade, falamos aqui de fluxos diaspóricos com um fundo político – e, em muitos casos, involuntários. Ou seja, a língua a ser aprendida não é necessariamente desejada ou sequer conhecida, adotando para si a função de uma tecnologia de acolhida humanitária.

Trazendo o eixo para os trópicos, o Brasil é uma das economias mais estabelecidas da América Latina e, a despeito de suas turbulências sistêmicas, tornou-se destino de muitos vizinhos de continente, como venezuelanos, bolivianos, peruanos, haitianos, colombianos, e de refugiados do outro lado do Atlântico, como afegãos, congoleses, nigerianos e marroquinos. No Instituto Adus², mais de 65 nacionalidades e 17.000 pessoas foram atendidas desde 2010, ano de fundação.

Como o eixo pedagógico é um dos pilares que norteiam a ONG, a adoção de bons materiais didáticos não pode falhar. Desde meu ingresso, usamos uma apostila própria, intitulada *Conectadus*, elaborada por uma pesquisadora de PLAC, Giselda Pereira, com quem venho aprendendo e trocando bastante experiência nesta jornada. Para além desse conteúdo, nas minhas aulas, emprego outros livros, como o *Pode Entrar* (publicação do ACNUR), o *Portas Abertas*, elaborado pela Prefeitura de São Paulo, a cartilha de exercícios *Fala & Ação*, também de Giselda Pereira, e o *Entre Nós – Português com Refugiados* (grifo para o uso da preposição “com” e não “para”).

Na prática, para quem se interessa em enveredar pelo campo, há nuances a serem consideradas, como dar aulas com ênfase em situações reais e contextualizadas (compras em mercados e farmácias, recorrência a serviços de saúde, acesso à moradia e ao transporte), reforçar aspectos culturais e peculiaridades, mantendo-se uma atenção especial à gramática, à fonética e ao vocabulário. Ademais, o uso de jogos pode ser eficaz, bem como a indicação de aplicativos gratuitos de notícias e de aprendizagem gamificada, como o Duolingo.

Um dos pontos imprescindíveis em uma aula de PLAC é, possivelmente, o emprego de referências customizadas. Em uma turma com nigerianos, pode ser interessante introduzir algumas palavras originadas do iorubá,

como caçula, cochilar, moleque e caçamba, que usamos em nosso português. Se o grupo for de sírios, vale citar que existe uma vasta comunidade dessa nacionalidade no Brasil, fazendo com que eles se sintam mais acolhidos.

Ainda nessa relação de experiências empíricas, faz-se importante listar cuidados a serem tomados e comportamentos a serem combatidos, tais como perguntar o motivo que lhes trouxe ao Brasil ou questões mais íntimas sobre seus familiares, valer-se de referências às quais me refiro como capitalizadas (por exemplo, dar uma aula sobre um restaurante que seja menos acessível ou sobre atividades culturais, como um show de um artista renomado, que tenham marcadores sociais envolvidos), aceitar ou conceder qualquer tipo de bonificação material – salvo raras situações, como mutirões para arrecadação de alimentos – e evitar uma abordagem piedosa, afinal, as pessoas querem ser acolhidas e não se sentirem ainda mais vulneráveis.

Nas palavras de Ançã (2006), quem trouxe avanços na pesquisa sobre PLAC: quanto aos conhecimentos sobre o mundo lusófono, a referência ao Brasil, em primeiro lugar, é exacta: o grande número de falantes de Português deve-se, sem dúvida, ao Brasil. É interessante ainda o conhecimento de alguns países africanos de língua oficial portuguesa, e bastante curiosa a observação feita a Macau, onde os falantes de LP são diminutos.

No entanto, a sociedade portuguesa não pode, de forma alguma, negar aos que chegam a possibilidade de aprender a língua do país. Se assim for, o efeito será perverso: de língua de acolhimento, a LP transformar-se-á em língua de afastamento, amputando aos sujeitos oportunidades de agir socialmente. Mas, acreditando na democracia e em Portugal, a vocação da LP só poderá ser a de uma língua de acolhimento: “acolhida, refúgio em casa, forte” (ANÇÃ, 2006, s/p).

Em relação ao trecho anterior de Ançã, gostaria de ponderar que, do ponto de vista de pesquisador e de professor de PLAC, negar a migrantes a possibilidade de aprender o nosso idioma – o português brasileiro – é dar-lhes as costas e, mais do tudo, impor a essa população um destino de precariedade ética e, conseqüentemente, material. O aprendizado do nosso idioma é uma das condições possíveis para acesso a uma acolhida humanitária, sem o qual haverá rara possibilidade de acesso a condições dignas de trabalho, moradia, saúde e trânsito social.

2 O MATERIAL DIDÁTICO E A DINÂMICA DAS AULAS

Entre 2017 e 2019, com as aulas presenciais, cheguei a frequentar o espaço quatro vezes por semana, chegando a dedicar até 32 horas mensais ao projeto. À época, o principal material didático – *Conectadus*, uma apostila própria, desenvolvida pela voluntária Giselda Pereira – era concedido

gratuitamente ao público estudantil. Com sete unidades, a publicação (Básico 1) compreende diversos tópicos, como saudações iniciais, transporte, alimentação, compras, saúde e vestuário.

O livro introduz verbos úteis – como ser, estar, pagar, querer, pedir, saber, ter, pôr, cortar, perder, sentir –, pronomes (demonstrativos, pessoais, interrogativos, entre outros), tempos verbais (Presente, Pretérito Perfeito e Pretérito Imperfeito do Indicativo; Futuro imediato – verbo ir + verbo de ação), além de outros conteúdos de relevância para quem chega e necessita se comunicar.

Giselda Pereira³, doutora em Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie e ex-coordenadora pedagógica do Instituto Adus, foi quem, em colaboração com outros docentes, desenvolveu o material didático, atualmente utilizado em sala de aula – a apostila *Conectadus*. Posteriormente, a educadora atuou na produção de 60 videoaulas, gravadas antes da pandemia do novo coronavírus e, oportunamente, utilizadas à exaustão durante a crise sanitária global. Ela salienta que:

Na verdade, o Conectadus tem muito do que eu propriamente tinha de material, porque eu amo produzir material. Até hoje... Dou aula há quase 30 anos e preparo aula sempre. As pessoas me perguntam: Giselda, não é possível que você não tenha material. Ter eu tenho, mas eu vou mudar um pouquinho por causa disso ou daquilo. Então, quando a Madalena me convidou, tinha muita gente interessada, muitos professores, mas ninguém pôs de fato a mão no material porque é muito cansativo, desgastante. Então, as pessoas não tinham muita ideia do que fazer, por onde caminhar, como testar. A gente se dividiu em determinado momento, depois que fiz os capítulos iniciais, com os próprios professores do Adus que estavam envolvidos. E cada um ficou responsável, eu fiz um roteiro do que precisava para cada unidade e as pessoas iam fazendo, a gente ia adaptando. A ideia do *Conectadus* é que ele fosse um livro de todos e de ninguém e que as pessoas pudessem refazer. Já tinha esse desejo desde o primeiro dia que eu entrei no Adus, de ajudar nesse sentido. (Giselda Pereira)

Vejamos, na sequência, duas galerias do livro.

Figura 1 - Galeria B




B

em-vindo/a!

Olá, Oi.	Hello, Hi.	Salut.
Bom dia.	Good morning.	Bonjour.
Boa noite.	Good night.	Bonsoir / Bonne nuit.
Adeus, Tchau	Good-bye, bye	Au revoir / Salut.
Até logo.	See you soon	À bientôt.
Até breve.	See you later.	À tout à l'heure.
Por favor.	Please.	S'il vous plaît.
Obrigado.	Thank you.	Merci.
De nada.	You're welcome.	De rien.
Ei!	Hey!	Ça va?
Como vai?	How are you?	Comment allez-vous? Ça va?
E aí?	What's up?	
Com licença.	Excuse me.	Excusez-moi.
Desculpe.	Sorry.	Pardon.
Parabéns!	Congratulations!	Congratulation!
Boa sorte	Good luck	Bonne chance.
Como se diz... em português?	How can I say... in Portuguese?	Comment dit-on... en portugais?
Sim.	Yes.	Oui.
Não.	No.	Non.
O que significa.../Qual é o significado de...?	What is the meaning of...?	Qu'est-ce que signifie...?
Não falo [bem] português.	I don't speak Portuguese [very well].	Je ne parle pas [bien] le portugais.
Não entendo.	I don't understand.	Je ne comprends pas.
Por favor, fale mais devagar.	Please, speak more slowly.	Parlez doucement, s'il vous plaît.
Preciso de ajuda	I need help.	J'ai besoin d'aide.
É uma emergência.	It's an emergency!	C'est une urgence.
Posso usar seu telefone?	May I use your telephone?	Est-ce que je pourrais utiliser votre téléphone?
Para onde vai este ônibus/metrô?	Where does go this bus/subway?	Où l'autobus/le train va?
Quanto custa...?	How much does it cost?	C'est combien...?
Onde é o banheiro?	Where is the bathroom?	Où sont les toilettes?
Quando...?	When...?	Quand...?
Quem...?	Who...?	Qui...?
Por que...?	Why...?	Pour quoi...?
De onde...?	Where... from?	D'où...?
O que / Qual / Que...?	What / Which...?	Que/Quoi ?

Welcome!

Bienvenu/e!



Leiam os diálogos em pares!

*Read the dialogue in pairs.
Lisez-vous les dialogues en paires.*



Crie um diálogo!

*Create a dialogue!
Créez-vous un dialogue!*



Responda!

*Answer it!
Répondez-y!*



Pergunte!

*Make a question!
Posez-vous une question!*

Material Didático ConectADUS Volume 1 – Unidade 1 – Página | **1**

Fonte: Elaborado pelo autor

Figura 2 - Galeria M

M

uito prazer!

Qual é o seu nome?	What is your name?	Quel est votre nom?
(O) meu nome é...	My name is ...	Je m'appelle ...
Muito prazer em conhecê-lo/a.	Nice to meet you.	Enchanté/ée
Qual é o nome dela?	What is her name?	Quel est son nom?
Qual é o nome dele?	What is his name?	Quel est son nom?
O nome dele é...	His name is...	Son nom est... / Il est...
O nome dela é...	Her name is...	Son nom est... / Elle est...
Quem é você?	Who are you?	Qui êtes-vous?
Eu sou estudante de Português.	I'm Portuguese student.	Je suis étudiant de portugais.
Eu sou de/do(s)/da(s)	I'm from...	Je suis de
(Muito) obrigado/a.	Thank you (very much).	Merci (beaucoup)
De nada.	You're welcome.	Je vous en prie.
Bem-vindo/a.	Welcome.	
Primeiro nome	First name	Prénom
Sobrenome	Last name	Nom de famille
Apelido	Nick name	Surnom
Qual é seu nome completo?	What is your complete name?	Quel est votre nom complet?
Já ouvi falar muito de você.	I've heard a lot about you.	J'ai beaucoup entendu parler de vous.
Finalmente, estou conhecendo você!	At last! I know you! We meet!	Enfin! Je sais que qui êtes-vous!
Desculpe, (mas) qual é mesmo o seu nome?	I'm sorry, (but) what was your name again?	Pardon. Quel est votre nom encore?
Por que (?)	Why (?)	Pourquoi?
Porque	Because	Parce que
Estado civil	Marital status	État civil
Solteiro/a	Single	Célibataire
Casado/a	Married	Marié/ée
Divorciado/a	Divorced	Divorcé/ée
Viúvo/a	Widowed	Veuf/veuve
Cabelos castanhos	Brown hair	Cheveux bruns
Cabelos loiros	Blond hair	Cheveux blonds
Cabelos ruivos	Red hair	Cheveux rouge
Cabelos grisalhos	Gray hair	Cheveux gris
Olhos castanhos	Brown eyes	Yeux bruns
Olhos azuis	Blue eyes	Yeux bleus
Olhos verdes	Green eyes	Yeux verts
Olhos pretos	Black eyes	Yeux noir

adus
Associação de Desenvolvimento e Apoio aos Migrantes

CYRELA
Associação de Apoio aos Migrantes

Nice to meet you!

Enchanté/ée!

Leiam os diálogos em pares!

Read the dialogue in pairs.
Lisez-vous les dialogues en paires.

Crie um diálogo!

Create a dialogue!
Créez-vous un dialogue!

Responda!

Answer it!
Répondez-y!

Pergunte!

Make a question!
Posez-vous une question!

Fonte: Elaborado pelo autor

Tanto o conteúdo impresso quanto o audiovisual são pensados sob o prisma do PLAC (Português como Língua de Acolhimento) e não do PLE (Português como Língua Estrangeira) – sendo que o primeiro cumpre um papel social e inclusivo, enquanto o segundo é basicamente o aprendizado do idioma enquanto tecnologia de comunicação (muitos materiais de PLE têm contextos equivocados para sujeitos vulnerabilizados, como é o caso de refugiados). Nas palavras de Giselda Pereira:

Agora, a gente tem muito mais material, tanto de Português como Língua Estrangeira (PLE) como Português como Língua de Acolhimento (PLAC). Mas imagina isso lá nos anos de 2015. Os materiais de PLAC são bastante recentes. Então, eu já tinha uma ideia pautada no PLE para pensar o que seria mais apropriado. Claro que não foi tão fácil e nem é, porque quem dá aula de português como língua estrangeira não tem ideia do que é dar aula de português como língua de acolhimento. São coisas bem diferentes. (Giselda Pereira)

Com o início da pandemia no Brasil, em março de 2020, o Instituto Adus, que já tinha dado início a um projeto de classes virtuais, acelerou a iniciativa e concluiu um projeto de 60 videoaulas⁴, protagonizadas pela professora Giselda Pereira, adotando-se nesse estágio o modelo de aula invertida – isto é, vídeos e exercícios enviados previamente pelo WhatsApp e sessões de conversa e esclarecimento de dúvidas em encontros virtuais (Google Meet).

Figura 3 - Captura de tela da videoaula hospedada no Youtube



Fonte: Elaborado pelo autor

O videocurso do Instituto Adus – Básico 1 – passa por diversos tópicos, adotando uma didática semelhante aos EADs (Ensino à Distância) aos quais nos acostumamos durante a crise global sanitária. O material inclui: alfabeto; expressões úteis; pronomes pessoais; verbos ser e estar; Presente do Indicativo; Gerúndio; dias da semana, meses e estações; pronomes interrogativos; números e símbolos matemáticos; horas e tempo; cores; lugares e advérbios de lugar; verbo ir (presente e futuro); gênero; formas de tratamento; profissões; pronomes possessivos; características físicas e psicológicas; plural; vestuário; comparativo; superlativo; advérbios de tempo; pronomes demonstrativos; alimentação; nomes de alimentos; diminutivo; aumentativo; pronomes indefinidos; vocabulário para localização; Pretérito Perfeito e Imperfeito; vocabulário para partes do corpo; saúde; e por fim, dicas para entrevista de emprego e como montar um currículo (os conteúdos seguem essa ordem respectiva). Ao longo desses 4 anos, seja no presencial ou no virtual, notei alguns perfis de educandos e, em conversa com a, então, coordenadora pedagógica do instituto, Mônica Nakajima, obtive a confirmação:

- Assiduidade e completude das tarefas: em geral, esse público não costuma perder nenhum encontro ou deixar de fazer nenhuma atividade, inclusive solicitando atividades extras por e-mail ou WhatsApp.
- Evasão por questões laborais: muitos chegam em busca de novas oportunidades e acabam por aceitar empregos temporários, conciliando-os com as aulas do Instituto. No entanto, quando conseguem uma posição formalizada – e isso costuma acontecer depois de seis meses no País, quando eles e elas já têm mais domínio do português –, há sempre uma debandada. Esse perfil, infelizmente, compõe a maioria estudantil.
- Intermittência nas aulas: existem aqueles que tentam equilibrar a vida no novo destino com as classes e nem sempre o conseguem. Esse perfil se empenha para terminar os módulos – e na maioria das vezes, consegue –, entretanto, sente-se frustrado por não dar o melhor de si.

Em relação aos três perfis, as/os docentes voluntárias/os são orientadas/os a atuar conforme o fluxo, isto é, não exigir demasiadamente dos dois últimos casos mencionados acima, uma vez que a carga acima das

possibilidades os afastaria e, certamente, pesaria mais a favor da evasão do que o contrário; e, no caso do primeiro, sim, é cabível adotar um requerimento mais constante, intenso.

3 CONECTADUS: A APOSTILA DO ADUS PARA OS CURSOS DE PLAC

A seguir, compartilho a análise sobre a apostila Conectadus (Instituto Adus), que, como já citado, é de autoria da professora e ex-coordenadora pedagógica da instituição, Giselda Pereira. O material é organizado a partir da divisão em 12 partes/capítulos, sendo que cada módulo do curso de português brasileiro (1, 2 e 3) concentra quatro unidades.

É importante notar que os relatos a seguir unem visões pragmáticas de conteúdo, isto é, o que de fato é abordado em cada página, com percepções e inclusões minhas enquanto professor/analista – conjugando o conteúdo do material com outros materiais de ensino, tais como canções populares brasileiras, jogos, dinâmicas e materiais impressos, a meu ver, úteis para pessoas em situação de deslocamento forçado, residindo em São Paulo. Assim, descrevo a seguir a experiência didático/pedagógica por unidade.

Unidade 1 – Bem-vindo/a!

Esta unidade introdutória se debruça sobre alguns verbos básicos, como ser, estar e ir, e suas conjugações no Presente do Indicativo e no Pretérito Perfeito do Indicativo. Há ainda dois espaços dedicados ao Presente Contínuo, uma produção peculiar do português brasileiro, e ao Futuro Imediato (verbo ir + verbo de ação expressa no tempo futuro). Alfabeto romano, cumprimentos básicos, dias da semana, meses do ano, números cardinais, pronomes pessoais, vocabulários específicos para sentimentos e sensações e, por fim, alguns exercícios de fixação compõem essa mesma etapa do *Conectadus*. Em geral, essa parte ocorre em duas ou três aulas. Logo no começo, há sempre uma apresentação básica com nome completo, nacionalidade e o que mais o(a) aluno(a) se sentir confortável a dizer. Costumo fazer uma dinâmica interativa que se chama “duas verdades e uma mentira”, na qual todos e todas devem seguir esse modelo, contando dois fatos e algo não verdadeiro em sala de aula, deixando que os colegas adivinhem a inverdade. É um momento oportuno para promover uma aproximação dos estudantes migrantes, sem tanta formalidade e convidando-os a trazer suas individualidades.

Unidade 2 – Muito prazer!

Após a construção desse arcabouço para que os migrantes tenham uma imersão inicial no idioma, o segundo módulo se dedica a ensinar

algumas sentenças básicas de sobrevivência que tangem a sociabilidade, apresentações pessoais e as primeiras interações a serem vivenciadas em um novo contexto.

Novos verbos são apresentados, no Infinitivo e em suas formas conjugadas: gostar, entender, existir, andar, estudar, morar, aprender, beber, comer, insistir, partir e sorrir. Aqui reside o momento em que introduzimos a regência verbal e as peculiaridades de alguns verbos na língua portuguesa, como o “gostar de”, que se diferencia de sua versão hispânica, essencialmente reflexivo (traduzindo isso em exemplos, ensinamos em sala de aula que, enquanto no espanhol se diz “me gustan los legumbres”, em português, o correto é proferir “eu gosto de legumes”). Neste estágio, costumo fazer uma atividade com a canção “Gostava tanto de você”, de Tim Maia, que exemplifica bem essa construção.

As nacionalidades – e suas versões generificadas e racializadas – são apresentadas, ao lado dos pronomes interrogativos (que, quem, quando, qual/quais, quanto, quantos, quanta, quantas, onde/cadê, aonde, de onde e por que). As características de personalidade e físicas são abordadas por meio de exercícios de adjetivação – durante as minhas aulas, sempre incluo uma parte sobre raça/etnia, destacando que, no Brasil, racismo é crime inafiançável, sendo necessário ter uma denúncia com boletim de ocorrência e uma testemunha. Acho imprescindível fazer essa inclusão, justo pelo fato de que muitos migrantes e refugiados são oriundos de países africanos ou majoritariamente negros, como o Haiti, onde os marcadores sociais brasileiros não são percebidos.

Quando nos encontramos neste estágio (básico, porém não inicial), costumo usar o ‘Baralhinho Didático da Cartilha Caminho Suave’, do Grupo Editorial Edipro, um recurso didático que adquiri em uma feira de educação. Por meio de um baralho com desenhos de itens, como blusa, garrafa, travesseiro, navio, livro, gravata, entre outros, é possível explorar o vocabulário do português brasileiro, ainda falando de cores, tamanhos, texturas e aspectos culturais.

Não são raras as situações inusitadas envolvendo essas cartas: certa vez, uma aluna venezuelana, ao ver um desenho de uma garrafa, me perguntou se “botella” se escrevia com “lh”, fazendo uma associação lógica e inteligente entre o português e o espanhol; em outra aula, ao ver a imagem de um café, um aluno hispânico me questionou por que o nosso “café da manhã” não se chamava desjejum, já que, em espanhol, o termo empregado é “desayuno”. Esses insights, que eu classificaria como conexões cognitivas, não apenas trazem esse público, de fato, para a vivência do idioma, como também enriquecem a nossa língua com novos olhares – e quem sabe, futuramente, com neologismos e novos termos, afinal de contas, desjejum é mais apropriado para se referir à primeira refeição do dia, convenhamos.

Unidade 3 – Transporte

O que é um bilhete único? Como se locomover em São Paulo, uma metrópole de proporções imensas? O que é a CPTM – Companhia Paulista de Trens Metropolitanos e como a rede se integra com as linhas do metrô paulistano? Qual a diferença entre a ciclovía e a ciclofaixa? Tais questões podem soar naturais e até mesmo bem familiares para uma pessoa residente em São Paulo.

Imagine esse novo universo de locomoção frente a um sírio ou a um afegão, que sequer compreendem o alfabeto que usamos na língua portuguesa. O terceiro módulo visa a proporcionar uma ambientação do migrante neste novo contexto por meio de leituras curtas e exercícios de sinalização urbana.

Nas minhas aulas, eu sempre leciono algumas frases de orientação geográficas (por exemplo, vá direto, vire à direita, vire à esquerda, ande por três quadras, entre outras) e costumo fazer uma dinâmica em sala de aula, usando a lousa. Com o pincel, faço um mapa retangular, no qual incluo alguns quadrados (os quarteirões) e algumas das principais avenidas de São Paulo (Paulista, São João, Ipiranga, Consolação, Faria Lima). Dentro desses respectivos quadrados, insiro algumas instituições e espaços comuns em nossa sociedade, como escola, hospital, biblioteca, farmácia/drogaria, igreja, metrô, parque, entre outros.

Em seguida, chamo dois dos alunos à frente na sala e proponho o seguinte: um deles precisa chegar a um desses pontos e o outro explicará como chegar, a partir de um ponto de partida, geralmente o metrô. Na maioria das vezes, os participantes escondem a timidez por meio de risadas e anedotas, mas acabam se rendendo à atividade e aprendendo a utilizar o idioma para viver na cidade de São Paulo, a despeito de alguns erros gramaticais ou de pronúncia, ambos naturais nessa situação.

Novos verbos são ensinados, como dar, fazer, passear e perder – novamente, no Infinitivo, no Presente do Indicativo e no Pretérito Perfeito do Indicativo. É aqui que trazemos algumas expressões bem típicas, como fazer um bolo, fazer aniversário, fazer uma festa, fazer as malas, fazer compras e fazer um curso.

Nesta mesma unidade, os pronomes demonstrativos são introduzidos: os variáveis – este(s), esta(s), esse(s), essa(s), aquele(s) e aquela(s) – e os invariáveis – isto, isso e aquilo. Em geral, os alunos hispânicos não têm a mesma dificuldade dos demais que vêm de língua inglesa, como os nigerianos, ou de origem árabe ou persa.

Unidade 4 – Alimentação

Mais do que meramente falar de comidas típicas, este módulo aborda situações comuns em restaurantes (comércio), incluindo vocabulário para

compras, vendas, negociações e atendimento de clientes, visando acima de tudo a proporcionar mais familiaridade com o universo e, logo, gerar mais conhecimento para possíveis vagas de emprego nesse setor.

Há, obviamente, um momento para o ensino de vocabulário relacionado a legumes, folhas, frutas, carnes, grãos e demais alimentos. Entretanto, não é apenas sobre isso. Comecei, há alguns anos, nessa fase do aprendizado, a usar o jogo Dinheirinho⁵, disponível para compra em sites como o Mercado Livre, por meio do qual faço as mesmas dinâmicas em sala de aula, em que um aluno faz o papel do vendedor/comerciante e outro desempenha a faceta do cliente.

O jogo conta com cartões de crédito e débito, CPF, carteira, cheque e reproduções das notas de Real (R\$ 2, R\$ 5, R\$ 10, R\$ 20, R\$ 50 e R\$ 100). É uma plataforma eficaz de ensino empírico de situações críveis que, a despeito de alguns equívocos de linguagem, trazem os migrantes para o cotidiano da vida em sociedade de uma cidade como São Paulo.

Os diálogos da unidade reproduzem situações em feiras, supermercados e padarias, além de ensinar aumentativos e diminutivos, duas características bem corriqueiras no Brasil. Costumo exemplificar com alguns casos tão comuns, que muitos brasileiros sequer reparam no seu uso: um cafezinho não é necessariamente um café pequeno; uma mãezona não se refere a uma pessoa alta; um minutinho tem a mesma duração de um minuto, isto é, 60 segundos; entre outros. Aqui, sempre projeto na TV da sala o vídeo do Greg News⁶ sobre o diminutivo no português brasileiro, para a diversão de muitos, especialmente, aqueles que já se encontram no país há mais tempo.

Ainda na apostila, há um momento especial para debater sobre os restaurantes por quilo – ou *self service* –, que são típicos do Brasil, além de uma seção com vocabulário sobre locais, refeições, quantidades (pesos e medidas – formais e informais) e adjetivos.

Outra adaptação/inserção que faço nesta unidade é trazer a letra impressa e executar a canção “Feijoada completa”, de Chico Buarque, juntamente com uma explicação: do que é feita a feijoada brasileira, quais são os dias para consumo em São Paulo (às quartas-feiras e aos sábados) e o que a acompanha (por exemplo, uma caipirinha). Para finalizar, costumo explicar a expressão “vamos botar água no feijão” e sua subjetivação que evidencia a flexibilidade dos eventos sociais brasileiros.

Na unidade 4, trazemos um pouco mais sobre os verbos irregulares do português (pagar, querer, pedir, saber, ter e pôr). Além disso, apresentamos as variações de gênero/número e os pronomes possessivos, sempre reforçando que o tu e o vós – consequentemente, o teu, a tua, os teus, as tuas, o vosso, a vossa, os vossos, as vossas – são menos utilizados em São Paulo. Logo, reforçamos que, por aqui, usam-se mais você e vocês – e suas variantes possessivas: seu, sua, seus, suas.

Nesse momento, é muito curioso ouvir, constantemente, uma pergunta vinda de alunos/as hispânicos/as: – se, em espanhol, *usted* é mais formal e *tú* é informal, por que em português não se aplica a mesma lógica entre os pronomes pessoais *tu* e *você*? Explico, portanto, que essa mesma diferenciação existe no português europeu, mas que não se aplica no Brasil, onde usamos majoritariamente o *você* (e de maneira informal), ponderando ainda que o *tu* é empregado em alguns estados do País, entretanto, com o verbo conjugado como se fosse pelo pronome *você*. Reforço, ainda, que a formalidade é expressa pelo uso de “senhor” ou “senhora”, ao endereçar respeito de maneira similar ao *usted*. Não raro, a maioria fica confusa – e com razão, afinal é confuso, de fato.

Unidade 5 – Compras

Como explicar o que é pechinchar ou comprar a prazo para um migrante que vem de um contexto social completamente distinto, como o de pessoas em situação de deslocamento forçado por guerra ou extrema pobreza? Falar de compras, se não for feito com extrema cautela, pode criar um distanciamento ainda maior entre refugiados e um novo destino – afinal, muitos deles estão em situação de intensa vulnerabilidade e precarização.

Nesta unidade, a publicação explica como é a unidade monetária do Brasil, seu valor e possíveis equivalências em relação à aquisição de produtos. Nesta fase, costumo usar muitos panfletos de mercados conhecidos, como Extra, Dia% e Oxxo, além de farmácias com unidades na região central, como a Pague Menos. Nessas dinâmicas, fazemos exercícios escritos, no quais peço para que os estudantes se posicionem sobre os produtos (por exemplo: a manteiga está cara; a pasta de dente custa quatro reais), e atividades orais com os educandos à frente na sala de aula, simulando situações de compra, venda, barganha, negociação, desenvolvendo suas habilidades em situações que envolvem meios de pagamento e outros detalhes.

A unidade ainda avança gramaticalmente, com uma aula dedicada a pronomes indefinidos: variáveis (algum, alguns, alguma, algumas, nenhum, nenhuns, nenhuma, nenhuma, todo, todos, toda, todas, outro, outros, outra, outras, muito, muitos, muita, muitas, pouco, poucos, pouca, poucas, certo, certos, certa, certas, vários, várias, qualquer, quaisquer, bastante, bastantes, um, uns, uma, umas), invariáveis (alguém, ninguém, tudo, outrem, nada, cada, algo, mais, demais, menos) e locuções pronominais (cada um, qualquer um, todo aquele que, um ou outro, quem quer que). Após aprofundar sobre o Presente do Indicativo e o Pretérito Perfeito do Indicativo, neste estágio, costumo ir mais a fundo e ensinar o Pretérito Imperfeito do Indicativo.

Unidade 6 – Saúde

Como o próprio título sugere, o módulo se debruça sobre outro direito humano de necessidade básica: a saúde. Vocabulários específicos, profissionais desse setor e suas funções e frases de alta empregabilidade em situações de necessidade e emergência pautam essa produção.

Em sala de aula, explicamos que os locais mais comuns no Brasil são os hospitais, clínicas, postos de saúde – as UBS, Unidades Básicas de Saúde –, além das farmácias e drogarias. Explicamos o que é o SUS – Sistema Único de Saúde, como funciona, quais são as vantagens, como a gratuidade, e os gargalos, a exemplo da sobrecarga de demanda versus recursos disponíveis.

Há um espaço para problemas (assaduras, dor de cabeça, dor de dente, enjoo, gripe, queimaduras e ressaca) e sintomas (calafrio, febre, resfriado, olhos coçando, vômito, dor de ouvido e olhos ardendo). Neste estágio, costumo fazer um desenho do corpo humano para ensinarmos esse vocabulário tão necessário. Em seguida, dou alguns exemplos mais práticos, dizendo que nem toda “dor” rege a preposição “de”, sendo que, em alguns casos, o mesmo substantivo é acompanhado de “em”, “no” ou “na” (ex: dor de cabeça, dor nas costas, dor no pé). Em relação aos novos verbos, ensinamos estes que se seguem: cortar-se, perder-se e sentir-se. Há ainda uma seção específica para ensinar a diferença entre bom e bem e de mal e mau.

Unidade 7 – Vestuário

A partir desta etapa, em geral, utilizada a partir dos módulos 2 e 3 dos cursos de português do Instituto Adus, as aulas deixam de tanger a assuntos mais emergenciais e de necessidade imediata e passam a tratar de assuntos mais universais, aproximando as classes de PLAC (Português como Língua de Acolhimento) e do PLE (Português como Língua Estrangeira).

Inicialmente, esta unidade faz um reforço considerável de vocabulário sobre vestimentas e adjetivos que podem ser associados (exemplo: blusa apertada, sapato desconfortável, vestido chique, entre outros). Os verbos ensinados são calçar, preferir, pôr, servir, vestir-se e usar. O livro traz ainda a letra da música “Com que roupa”, de Noel Rosa, para ser usada em sala de aula.

Aprende-se, neste momento, sobre o Modo Imperativo, explicando-se as regras para verbos terminados em -ar, -er e -ir. Conjugam-se os verbos andar, estudar, aprender, beber, comer, insistir, fazer, partir, pôr e vestir neste modo.

Unidade 8 – Rotina

Além de explicar o que é uma rotina, neste capítulo, os estudantes do curso básico de Português como Língua de Acolhimento (PLAC) do Instituto Adus aprendem sobre ler e a falar horas em outro idioma, além de verbos/

atividades como trabalhar, estudar, dormir, ler, assistir à TV, conversar, checar e-mail, olhar o Facebook, rezar, passear, limpar a casa, cozinhar, jogar futebol e escovar os dentes.

As aglutações entre preposição e artigo (como a formação de *num* a partir de *em + um* – uso informal) são apresentadas nesta unidade, que também ensina formalmente o uso do Pretérito Imperfeito do Indicativo. Verbos regulares, como *andar*, *correr* e *cair*, e irregulares, como *ser*, *pôr*, *ter* e *vir*, são conjugados neste tempo verbal. É neste momento, também, que são apresentados o comparativo e o superlativo da língua portuguesa.

As unidades 9 a 12 compõem um terceiro módulo, intermediário, até então não lecionado por mim. Desde o começo das minhas atividades voluntárias no Instituto Adus, lecionei para os módulos 1 e 2, que são básicos, e para turmas on-line de conversação, geralmente compostas por pessoas de fala hispânica e com mais fluência em nosso idioma. Dito isto, optei por não analisar as unidades 9, 10, 11 e 12 da apostila Conectadus, posto que não há uma vivência empírica de tal material pedagógico.

Em 2023, desenvolvi um exercício de expressões populares do português brasileiro e seus significados, tais como *dar com a língua nos dentes*, *cair a ficha*, *estar com a pulga atrás da orelha*, *chutar o balde*, *ficar de olho*, *levar o bolo*, *meter o bedelho* e *puxar a sardinha para o seu lado*. A atividade é mais prática e consiste em ligar as expressões aos seus respectivos significados. Costuma ser uma dinâmica interessante e engajadora, na qual os estudantes se mostram estarrecidos com as possíveis relações entre “*pulga e dúvida*” ou entre “*balde e regra*”.

O foco em desenvolver exercícios e atividades específicos está alinhado com o conceito de promover uma acolhida humanitária e ética do público migrante por meio do PLAC – Português como Língua de Acolhimento. Mais do que isso, visei trazer para sala de aula a língua que, de fato, os brasileiros falam e com a qual se entendem, também em consonância com o ideal de português brasileiro (BAGNO, 2001).

4 PORTAS ABERTAS - PORTUGUÊS PARA IMIGRANTES (CADERNO INTERMEDIÁRIO)

O caderno intermediário foi utilizado por mim, especificamente, em dois módulos de conversação que tive com alunos venezuelanos em 2021 e 2022, durante o período ainda de isolamento social e retomada híbrida, respectivamente, devido à pandemia do novo coronavírus. As aulas foram proferidas na plataforma Google Meet, possibilitando o ingresso de

estudantes de outros estados. O livro é um projeto da Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania (São Paulo) e conta com apoio da Unesco e da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo.

Unidade 1 - Geografia do Brasil: eu conheço esse mundo

Neste início, primeiramente, eu apresentei aos alunos o mapa do Brasil orientado por regiões, além de lhes ter perguntado onde fica a respectiva cidade onde residiam. Também lhes indagava quais são os estados e cidades do país conhecidos por eles, qual é a capital federal, onde ficam concentrados a indústria e o agronegócio brasileiros, entre outros pontos de contextualização que avaliem como relevantes.

Há também um espaço para gramática, em que pudemos reforçar a conjugação de verbos no Pretérito Perfeito do Indicativo, familiar para uma boa parte dos alunos que tive. Seguindo o livro, conjugamos os verbos almoçar, escrever, dividir, ter, estar, dar, ser, ir, vir, ver, viajar, conhecer, dormir, entre outros. Abordamos também algumas preposições como de (e suas variações, do e da) e em (e suas variações, no e na). É recorrente a dificuldade dos hispânicos com o verbo gostar (em espanhol, além de ser reflexivo, não se preposiciona sua conjugação).

Estudamos aqui também os pronomes relativos – que, o qual, a qual, os quais, as quais, quem, quanto, quanta, quantos, quantas, onde, em que, quando, cujo, cuja, cujos e cujas. Sinalizei que, no Brasil, o uso do cujo está em declínio, de acordo também com BAGNO (2001, p. 84). Entretanto, reforcei que é importante conhecer este uso, ainda que haja uma baixa empregabilidade no português brasileiro.

Unidade 2 - História do Brasil: para conhecer o que eu não vivi aqui

Os povos originários e a árvore linguística tupi-guarani direcionam as atividades. Durante as aulas, eu reforcei que algumas palavras usadas por nós, brasileiros, derivam de línguas originárias, tais como Ibirapuera, Tamanduateí, Anhangabaú, entre outras. Ao tratar do nosso passado, enquanto terra dos povos originários e, posteriormente, invadida por povos europeus, a unidade reforça dois Pretéritos do Indicativo – Perfeito e Imperfeito.

Os conteúdos da apostila tratam de alguns ciclos que existiram no Brasil, como café, ouro, cana-de-açúcar. Em 2021 e 2022, devido à proximidade das eleições presidenciais, acabei suprimindo o ensino dessa parte do ‘Portas Abertas’, substituindo-a por uma série da TV Futura, intitulada “Conhecendo os presidentes do Brasil”⁷. Dei preferência a alguns chefes de Estado com maior notoriedade midiática, como Getúlio Vargas, Fernando Collor de

Mello, Fernando Henrique Cardoso, Luiz Inácio Lula da Silva, Jânio Quadros, Juscelino Kubitschek e João Goulart. Os vídeos são curtos, com uma média de dois minutos de duração, e, de maneira breve e didática, fornecem um panorama geral da política brasileira.

Estudam-se aqui também as vozes ativa e passiva, bem como os participípios dos verbos como falar, comer, decidir, ganhar, gastar, pagar, acender, limpar, aceitar, escrever, cobrir, abrir, ver, dizer, fazer, ir e ser. Em se tratando de gramática, aprende-se aqui, ainda, o Presente do Subjuntivo, que se assemelha bastante ao mesmo tempo verbal do espanhol, empregado para expressar dúvidas, incertezas e desejos. Há, na unidade, um texto sobre o período de escravidão no Brasil e outro conteúdo sobre a composição étnica da nossa sociedade.

Unidade 3 - O Brasil atual e suas relações com o mundo

Iniciamos a unidade com o uso de sufixos e a conversão de palavras em outras categorias – por exemplo, um verbo se modifica para um substantivo – e as respectivas mudanças de significados. Os sufixos apresentados são: -mento, -ção, -agem, -ez, -eza, -dade, -oso, -osa, -eiro, -eira e -vel. Há um exercício na própria apostila, de modo que os estudantes podem praticar, convertendo perigo em perigoso ou possibilidade em possível – dois exemplos a mero título de ilustração. O Futuro do Subjuntivo, utilizado para formular hipóteses e incertezas no futuro, é abordado neste capítulo.

Ensinamos neste mesmo capítulo sobre os pronomes reflexivos – me, se, nos –, pronomes complemento direto – me, te, o, a, lo, la, nos, os, as, los, las – e pronomes complemento indireto – mim, lhe, nos, lhes. Há de ser sublinhado aqui que essa parte não gerou muito interesse dos estudantes migrantes. O que pude fazer para não deixar de ser útil foi reforçar que a pronominação em locuções verbais no Brasil ocorre distintamente do espanhol (e, muitas vezes, do português europeu). A título de exemplificação, comentei que “te voy a decir”, por aqui, se transforma em “vou te dizer”; “diciéndole” seria “dizendo pra ele ou ela”.

Unidade 4 - Trabalho: minhas habilidades e opções

Em diversos momentos desta pesquisa, comento sobre o aluno venezuelano Mario Ortega, um diretor de telenovelas reconhecido em seu país de origem, forçado a deixar sua terra devido à crise sociopolítica da nação sul-americana. Quando iniciamos as aulas e ele compartilhou sua história, logo lhe convidei a fazer parte da pesquisa por meio de uma entrevista. Esses laços se estenderam a cafés com prosa fora da sala de aula e um projeto de um curso de teatro em parceria com a Missão Paz⁸, ainda em fase embrionária.

Ao iniciar a unidade 4, nos deparamos com uma reportagem do *Migramundo* com o seguinte título: “Imigrantes de São Paulo se tornam embaixadores culturais e promovem diversidade”. A reportagem destaca uma iniciativa em parceria entre a plataforma de hospedagem Airbnb e a ONG Migraflif. E, para minha (nossa) inteira surpresa, o aluno venezuelano em questão é um dos migrantes que ilustram a veiculação.

Este capítulo, em específico, aborda a formalização de indivíduos no país, trazendo termos corriqueiros para nós, brasileiros, mas certamente desprovidos de quaisquer associações para um migrante, tais como CPF, MEI, INSS, RG⁹, título de eleitor, entre outros. Há, inclusive, um exercício com cinco dicas para quem deseja se tornar um microempreendedor individual – mais conhecido como MEI.

A título de fazer uma conexão com o capítulo 2, no qual fala-se sobre a escravidão dos povos africanos em diáspora forçada, na página 136, há uma atividade intitulada “Uberização e precarização do trabalho”, seguida por uma imagem com um ciclista que trabalha com entregas para serviços de aplicativo, acompanhado da frase: Escravidão Moderna. Ao lado da gravura, há diversas incursões de texto, tais como: ele aluga a bicicleta para trabalhar, ele não é empregado da empresa de entrega, ele não é empregado de quem encomenda, ele não é empregado do restaurante, ele não tem férias, ele não folga no fim de semana, ele não tem plano de saúde e ele não vai se aposentar.

Neste estágio, debati com os alunos sobre a flexibilização das leis trabalhistas com a reforma trabalhista em 2017 (BRASIL, 2017), além de ter explicado o que é a CLT - Consolidação das Leis Trabalhistas, uma medida implementada pelo polêmico presidente Getúlio Vargas¹⁰ – um governante de mãos de ferro que, embora tenha flertado com regimes fascistas a partir de 1930, trouxe mudanças significativas, como a criação do Ministérios da Educação, Saúde e Trabalho, o voto secreto e o voto feminino, além de ter dado uma atenção especial ao trabalhador brasileiro.

Uma atividade que também executei – uma única vez – foi pedir que os alunos assistissem ao filme “Que horas ela volta”, de Anna Muylaert, sobre as relações de trabalho e servidão que existem no Brasil, em especial para os trabalhadores domésticos. Em sala de aula, após terem assistido, eu os convidei a um debate para ver o que haviam entendido. Quem mais se engajou foi o Mario Ortega ¹¹(aluno venezuelano e diretor de telenovelas). Em uma réplica a uma fala sua, eu disse que enxergava a relação entre a mãe, interpretada por Regina Casé, e a sua filha, que se muda de Pernambuco para São Paulo, como um paralelo entre os momentos pré e pós-Governo PT (momento inicial em 2002) e ele me disse que havia pensado o mesmo.

Unidade 5 - Arte e beleza: um espelho da sociedade

Iniciamos esta unidade com uma atividade sobre “quem é quem?” com fotos de personalidades da nossa cultura, como Caetano Veloso, Anitta, Dona Ivone Lara, Criolo, Carolina Maria de Jesus, Machado de Assis e Anita Malfatti. Em seguida, eu compartilhava a minha tela do computador e espelhava a música “Não existe amor em SP”, do Criolo. Muitos deles já conheciam nomes como Caetano Veloso, Chico Buarque, Gilberto Gil e Daniela Mercury.

Unidade 6 - Educação para continuar: a minha formação escolar

Esta unidade, especificamente, eu não costumei lecionar em sua integridade, por trazer textos mais relacionados ao ensino superior do Brasil – o que não era uma demanda daquele perfil de estudantes migrantes com os quais eu estava estudando. O único trecho em que eu realmente me aprofundi com essas duas turmas foi o que aborda o exame Celpe Bras¹², um certificado que acaba sendo muito útil para a regularização dos migrantes¹³ no Brasil. Como eu já possuía uns exemplares dessa prova em pdf, compartilhei com essas turmas e expliquei, brevemente, como funcionava a sua aplicação – reforçando que o próprio Instituto Adus tem cursos específicos para essa finalidade e com professores qualificados para esses mesmos fins.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o cumprimento dos créditos no mestrado, cursei a disciplina ‘Necropolítica’ e me aproximei do professor Dr. Francione Oliveira Carvalho, de quem pude ler o artigo “A arte e a cultura afro-brasileira como descentramento sensorial na Pedagogia”. O texto, ainda que não aborde diretamente o ensino de português para migrantes, me pôs a refletir sobre alguns cuidados a serem levados em conta.

Carvalho (2021) aborda a disciplina Arte e Cultura Afro-Brasileira, oferecida ao menos uma vez ao ano às licenciaturas de Pedagogia, Artes Visuais e História da Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF, cujo objetivo é discutir o conceito de cultura afro-brasileira e a sua relação tanto com a ancestralidade e os valores civilizatórios de matriz africana quanto com as questões étnico-raciais brasileiras.

De acordo com o autor, ao inserir estudantes de experiências e trajetórias diferentes para refletir sobre temas complexos e, por si só, interdisciplinares, tais como corpo, cultura, raça, memória, acervos e patrimônio, espera-se estimular a troca de saberes, a ampliação de horizontes e a construção colaborativa de conhecimentos. É necessário reconhecermos que as cidades exercem funções pedagógicas para além de suas tarefas econômicas, sociais e políticas tradicionais.

Penso que o material didático “Portas Abertas” – o segundo conteúdo avaliado por essa pesquisa – cumpre esse papel de maneira profunda e emancipadora, de modo a desenvolver nos alunos um pensamento mais crítico e transformador, ao contrário do modelo de educação bancária (FREIRE, 2005), no qual os migrantes estudantes meramente receberiam o conteúdo, que lhes seria “depositado”, sem qualquer elaboração ou discernimento.

Materiais mais tradicionais sobre a língua portuguesa fazem referências a cânones como Luís de Camões e Pero Vaz de Caminha, dois pilares para o nosso idioma. Fico me questionando até que ponto incluir ambos nas aulas de PLAC seria, de fato, emancipador para a população migrante. O livro “Portas Abertas” traz autores e artistas contemporâneos, como Criolo, Caetano Veloso e Chico Buarque, que, a meu ver, geram mais conexão com essa parcela de estudantes, especificamente. No dia a dia de suas vidas em São Paulo, é mais provável que eles sejam expostos à canção “Não existe amor em SP” do que à carta de Caminha ao rei de Portugal.

NOTAS

¹ O Instituto Adus é uma ONG que promove a integração de refugiados na sociedade brasileira desde outubro de 2010. Mais informações: <<https://adus.org.br/o-adus/sobre-o-adus/>>.

² Faz-se importante esclarecer que minha jornada no Adus se encerrou em agosto de 2024, quando iniciei um projeto de português para migrantes e refugiados no Educafro Brasil, onde passo a atuar como professor voluntário e coordenador pedagógico. O Educafro Brasil é uma entidade sem fins lucrativos que tem a missão de promover a inclusão da população afro-brasileira por meio de diversas frentes, como educação, emprego e renda.

³ Informações acadêmicas da profissional podem ser acessadas em seu Currículo Lattes. Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/5773130475183008>>. Acesso em: 30 jan. 2025.

⁴ Link para assistir às aulas: <https://www.youtube.com/watch?v=5XHvLmk5d_o&list=PL-BWXjFiBucMrxY38olzYNzx-OCMNcU33>. Acesso em: 30 jan. 2025.

⁵ Link para aquisição: <https://produto.mercadolivre.com.br/MLB-2739728543-jogo-de-matematica-dinheirinho-carto-de-credito-cheque-_JM#position=21&search_layout=stack&type=item&tracking_id=d9107ee9-8c6c-4491-a9ed-1f57fc541696>. Acesso em: 30 jan. 2025.

⁶ O Greg News foi um talk show que fez parte da programação do HBO Brasil, de 2017 a 2023.

⁷ Todos os episódios estão disponíveis no Youtube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=XjvU1b8noC0&list=PLNM2T4DNzmq57NY2OjulAUrziMtoAttCy>>. Acesso em: 30 jan. 2024.

⁸ A Missão Paz é uma instituição filantrópica vinculada aos Missionários de São Carlos, conhecidos também como Scalabrinianos, que atua no acolhimento e apoio a migrantes e refugiados desde os anos 1930 na região do Glicério, em São Paulo, no Brasil. Mais informações: <<https://missaonspaz.org>>.

⁹ CPF – Cadastro de Pessoas Físicas; MEI – Microempreendedor Individual; INSS - Instituto Nacional do Seguro Social; RG – Registro Geral.

¹⁰ Videoaula sobre Getúlio Vargas está disponível no canal “Canal Futura” no Youtube. Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=_Rf0cNLKAu0&list=PLNM2T4DNzmq57NY2OjulAUrziMtoAttCy&index=15>. Acesso em: 30 jan. 2024.

¹¹ Nome fictício.

¹² Disponível em: <<https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/avaliacao-e-exames-educacionais/celpe-bras>>. Acesso em: 30 jan. 2024.

¹³ O CELPE-Bras é um certificado de proficiência em língua portuguesa para estrangeiros desenvolvido e outorgado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais. É aplicado no Brasil e em outros países com o apoio do Ministério das Relações Exteriores do Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADUS – INSTITUTO DE REINTEGRAÇÃO DE REFUGIADOS. **Relatório Anual**

Adus 2022. São Paulo, 2022. Disponível em: <<https://adus.org.br/gestao/transparencia/>>. Acesso em 30 jan. 2025.

ADUS – INSTITUTO DE REINTEGRAÇÃO DE REFUGIADOS. **Relatório Anual**

Adus 2021. São Paulo, 2021. Disponível em: <<https://adus.org.br/gestao/transparencia/>>. Acesso em 30 jan. 2025.

ADUS – INSTITUTO DE REINTEGRAÇÃO DE REFUGIADOS. **Relatório Anual**

Adus 2020. São Paulo, 2020. Disponível em: <<https://adus.org.br/gestao/transparencia/>>. Acesso em 30 jan. 2025.

ADUS – INSTITUTO DE REINTEGRAÇÃO DE REFUGIADOS. **Relatório Anual**

Adus 2019. São Paulo, 2019. Disponível em: <<https://adus.org.br/gestao/transparencia/>>. Acesso em 30 jan. 2025.

ANÇÃ, Maria Helena. Entre língua de acolhimento e língua de afastamento. In: **XIII ENDIPE**, 23-26 abr. 2006. Recife: Universidade Federal de Pernambuco (CD-ROM).

BAGNO, Marcos. **Preconceito lingüístico: o que é, como se faz.** 49^a. ed. São Paulo: Loyola, 2007.

BAGNO, Marcos. **Português ou brasileiro: um convite à pesquisa.** São Paulo: Parábola Editorial, 2001.

BAGNO, Marcos. Norma linguística e preconceito social: questões de terminologia. **Veredas – Revista de Estudos Lingüísticos**, v. 5, n. 2, 2003.

CARVALHO, Francione Oliveira. A arte e a cultura afro-brasileira como descentramento sensorial na Pedagogia. **Revista GEARTE**, v. 8, n. 2, 2021.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** 42.ed. São Paulo: Cortez, 2001. (Questões da nossa época, 13).

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 42. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

RESUMO

O artigo explora o conceito de Português como Língua de Acolhimento (PLAC), diferenciando-o do ensino de Português como Língua Estrangeira (PLE) e destacando seu papel como tecnologia de acolhida para migrantes e refugiados. Baseando-se nos estudos de Ançã (2006) e em experiências próprias no Instituto Adus, o autor analisa como o domínio do idioma é essencial para a integração social, permitindo acesso a direitos fundamentais. A partir de materiais didáticos específicos e práticas pedagógicas adaptadas às realidades dos aprendizes, o artigo enfatiza a importância de abordagens contextualizadas e sensíveis, combatendo perspectivas piedosas ou excludentes. Ao considerar o ensino do português brasileiro um instrumento humanitário, argumenta-se que privar migrantes desse aprendizado reforça sua vulnerabilidade, enquanto sua inclusão linguística possibilita maior dignidade e cidadania.

Palavras-chave: Educação; Português como Língua de Acolhimento (PLAC); migrantes; refugiados; pedagogia humanitária.

ABSTRACT

The article explores the concept of Portuguese as a Language of Reception (PLAC), distinguishing it from the teaching of Portuguese as a Foreign Language (PLE) and highlighting its role as a technology of reception for migrants and refugees. Based on Ançã's (2006) studies and the author's own experiences at Instituto Adus, the analysis emphasizes how language proficiency is essential for social integration, enabling access to fundamental rights. Through specific teaching materials and pedagogical practices adapted to learners' realities, the article underscores the importance of contextualized and sensitive approaches, challenging patronizing or exclusionary perspectives. By considering the teaching of Brazilian Portuguese as a humanitarian tool, the argument is made that denying migrants access to this learning process reinforces their vulnerability, whereas linguistic inclusion fosters greater dignity and citizenship.

Keywords: Education; Portuguese as a Welcoming Language; Migrants; Refugees; Humanitarian Pedagogy.

RESUMEN

El artículo explora el concepto de Portugués como Lengua de Acogida (PLAC), diferenciándolo de la enseñanza del Portugués como Lengua Extranjera (PLE) y destacando su papel como tecnología de acogida para migrantes y refugiados. Basándose en los estudios de Ançã (2006) y en experiencias propias en el Instituto Adus, el autor analiza cómo el dominio del idioma es esencial para la integración social, permitiendo el acceso a derechos fundamentales. A partir de materiales didáticos específicos y prácticas pedagógicas adaptadas a las realidades de los estudiantes, el artículo enfatiza la importancia de enfoques contextualizados y sensibles, combatiendo perspectivas condescendientes o excluyentes. Al considerar la enseñanza del portugués brasileño como una herramienta humanitaria, se argumenta que privar a los migrantes de este aprendizaje refuerza su vulnerabilidad, mientras que su inclusión lingüística les permite mayor dignidad y ciudadanía.

Palabras clave: Educación; Portugués como Lengua de Acogida (PLAC); Migrantes; Refugiados; Pedagogía Humanitaria.

ASTRATTO

L'articolo esplora il concetto di Portoghese come Lingua di Accoglienza (PLAC), distinguendolo dall'insegnamento del Portoghese come Lingua Straniera (PLE) e sottolineandone il ruolo come tecnologia di accoglienza per migranti e rifugiati. Basandosi sugli studi di Ançã (2006) e sulle proprie esperienze presso l'Istituto Adus, l'autore analizza come la padronanza della lingua sia essenziale per l'integrazione sociale, consentendo l'accesso ai diritti fondamentali. Attraverso materiali didattici specifici e pratiche pedagogiche adattate alle realtà degli studenti, l'articolo evidenzia l'importanza di approcci contestualizzati e sensibili, contrastando prospettive pietistiche o escludenti. Considerando l'insegnamento del portoghese brasiliano come uno strumento umanitario, si sostiene che privare i migranti di tale apprendimento rafforzi la loro vulnerabilità, mentre la loro inclusione linguistica consente maggiore dignità e cittadinanza.

Parole chiave: Educazione; Portoghese come Lingua di Accoglienza (PLAC); Migranti; Rifugiati; Pedagogia Umanitaria.